



Director literario:

Augusto de Santa-Rita
PAPAM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo de Almeida
PAPUSSE



HISTÓRIA DO MILHO-RE

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

NUM lindo reino chamado Milheiral, vivia um certo rei, vestido de encarnado, conhecido pelo Milho-Rei, que habitava juntamente com muitos cortezãos e criados vestidos de amarelo, num lindo Palácio de ouro, chamado a Maçaroca.

Aquele rei nunca saía só e, se tinha que aparecer em qualquer parte, levava sempre consigo o próprio palácio e todos os cortezãos que havia dentro.

Ora uma tarde, viu-se obrigado a partir num carro de bois para uma reunião que estava marcada para a meia-noite, numa terrazinha pequena, conhecida pelo nome de Eira.

Chegado com toda a comitiva, viu-se recebido festivamente entre palmas, músicas e cantares e atribuiu toda aquela festa à sua grande importância. Num dado momento, encontrou-se



fóra do palácio nas mãos de um camponez que, satisfeito, gritava: — Milho-Rei, Milho-Rei!... indo abraçar a namorada, que era uma linda camponeza. Depois, andou de mão em mão, até que, por fim, foi metido num bolso como recordação... nem sabia de quê!

Ao chegar àquela alegre reunião, à luz de um luar muito bonito, o rei-sinho-Milho que era um nadinha vaidoso e presumido, teve grande contentamento por ser tão bem recebido. Mas agora, dentro de um bolso, às escuras, sentindo umas grandes saudades do seu Reino, do seu palácio, dos seus cortezãos e criados, desatou a chorar baixinho, tão baixinho, que nem se ouvia!



(Continua na ultima pagina)

HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE
MARIO ALVES
PEREIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

UM dia chegou em que Nala se entreteve mais tempo a brincar com seus filhos. Com eles sempre brincando, levou a tarde inteira até que a noite veio. E que prazer sentia vendo que os dois mostravam dia a dia maior desenvoltura e mais encantos!

E nessa noite mais uma vez Kali apareceu a Pushkara. «Pushkara, gritou ele, alegre-te! O teu irmão acaba de ofender os Deuses, gravemente! Seduzido pelo encanto dos filhos e com eles brincando esqueceu-se da hora da oração! Os Deuses vão abandoná-lo. Não deixes amanhã de o convidar a jogar; teu irmão já não poderá resistir ao teu pedido!»

«Obedecer-te-ei! disse Pushkara rindo e saltando. E hei-de ser rei, graças aos teus favores, Deus poderoso!» E no dia seguinte Pushkara foi convidar o irmão para jogar.

Nala teve uma hesitação, mas respondeu! «Na verdade antigamente costumava ter alguma sorte aos dados. Ha quanto tempo não jogo! Experimentemos de novo.» Pushkara serenamente sentou-se defronte de Nala; atrás do rei, apenas visível para aquele, estava Kali de pé, pronto a dirigir a partida.

E Nala jogou um anel e perdeu o anel; e jogou um colar e perdeu o colar e jogou todas as joias e todas as armas que trazia e tudo, tudo perdeu.

Todos no palácio estranharam que Nala voltasse de novo a jogar. E no dia seguinte Damayanti em vão esperou pelo rei. Dos seus olhos as lágrimas caíam silenciosas. Nala mais uma vez jogava com Pushkara. E jogava e perdia. Perdidas as suas joias, jogou os carros e perdeu-os. E jogou os cavalos e perdeu-os também. A' volta do rei, os ministros e conselheiros olhavam-no angustiadamente e suplicavam-lhe que abandonasse o jogo. Mas Nala nem os ouvia. Deitava os dados e perdia tudo, continuamente...

E hora a hora iam levar a Damayanti a noticia dos bens que, sem descanso, Nala ia perdendo. A rainha escutava entre soluços as novas da sua desgraça.

Emfim, abraçada aos filhos mandou chamar Varshneya

e disse-lhe então assim: «Varsneya, tu foste sempre um dos melhores e mais leais servidores do rei. Sabes a sorte que nos ameaça: Nala não deixa de perder ao jogo. Eu não o recrimino por isso, Varshneya: eu sou a sua humilde serva. Mas não é justo que os filhos sofram os erros dos seus pais. Leva por isso o meu filho e a minha filha para o país dos Vidarbhas, entrega-os ao rei Bhima. Depois, sê feliz e procura servir outro senhor».

E Damayanti entregou-lhe os seus filhos e, à despedida, entre soluços, nem forças tinha de falar.

Entretanto Nala continuava sempre a jogar. De nada valiam rogos nem conselhos. E pela vontade diabólica de Kali continuava a perder... Quando Pushkara estava já na posse de todo o ouro, dinheiro, joias e jardins, o desgraçado foi a ponto de jogar até o proprio reino... e perdeu-o... Pushkara disse-lhe então, sorrindo:

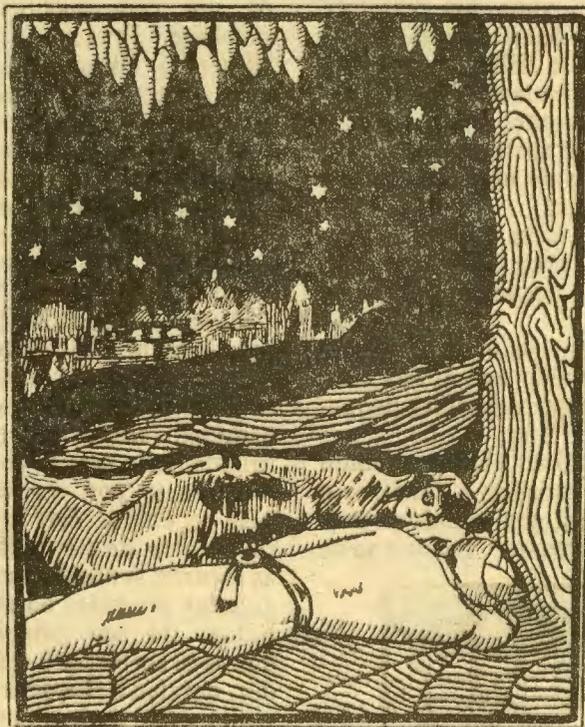
«Deixemos o jogo! Que tens agora tu para apostar? Apenas te resta Damayanti. Se queres jogar Damayanti, será ela a nossa aposta.»

A estas palavras do irmão, Nala voltou a si. E sentiu a dor do seu crime. E, sem dizer palavra, levantou-se e correu para os aposentos onde o esperava a sempre fiel e pura Damayanti.

Vendo-o entrar, teve um sorriso cheio de ternura e disse: «Eis-te de novo oh! meu amado! E já que volto a vêr-te estou outra vez contente... Eu que te queria tanto enquanto eras feliz e poderoso, agora que és tão pobre quero-te mais ainda.»

Nala chorava e soluçava e Damayanti, carinhosa, enchugava-lhe as lágrimas: «Vem, terei para contigo os cuidados que se tem com um filhinho. Hei de embalar a tua fraqueza e sustentar-te os passos e vestir-te. De hoje em diante não tenho para me cobrir mais que este pedaço de lã grosseira; que importa? Ha de chegar para nós dois e assim não tendo mais que um único vestido, andaremos ambos envolvidos nele, agora mais unidos do que nunca.»

(Continua no próximo número).



DE VOLTA DA FEIRA



A mulher de Zé Gonçalo,
Ha muito que tinha empenho
De ter um linho cavallo
Que fosse preto ou castanho.



Para fazer a vontade
A' patroa e companheira,
Gonçalo deixa a herdade,
Põe-se a caminho da feira...



E ao ver um negro cavallo,
Compra-o; e todo contente,
Volta à herdade o Gonçalo,
Recebido alegremente.



Brada a mulher do Gonçalo:
— Mas como pode isso ser?!
E dispendo-se a lavá-lo,
Grita o Gonçalo: — vais ver!...



Se aquel'outro que era escuro,
Ficou branco após o banho,
O' mulher, eu te asseguro
Que este vai ficar castanho!



Chega... e diz para a mulher:
Este sim; depois do banho...
Mas nada! russo a valer,
Nunca ficava castanho!



Torna no dia seguinte,
E diz: mulher, podes crer:
— Agora é que eu dei no vinte!
Que este é castanho a valer!

FEIRA — Espertezas de Gonçalo



Mas ai, no dia seguinte,
Dando-lhe banho o Gonçalo,
Vê que não dera no vinte,
Pois que era russo o cavalo.



Não te rales; volto à feira,
Diz Gonçalo embarçado:
Eu já sei qual a maneira
De não ser mais enganado!



Montado em cavalo branco,
Volta no dia seguinte,
Gritando com riso franco:
— Agora é que eu dei no vinte!



Mas qual não foi seu espanto,
Ao ver sem nenhum rebuço,
Que o cavalinho, entretanto,
Se tornava também russo.



Pragas ao destino solta!
Mas abafando um soluço,
No dia seguinte volta
Montado em cavalo russo.



Chega, e no mesmo momento,
Banha o cavalo a suar,
Mas ai, um resfriamento
Faz o cavalo tombar!



E ao vê-lo morto, do banho,
Clama no dia seguinte:
— Este sim, era castanho,
Agora é que eu dei no vinte!

HORA DO RECREIO

COMO SE FAZ UM PAPAGAIO

VAMOS dar a conhecer aos nossos pequenos leitores uma nova espécie de papagaios, cuja força de elevação e perfeito equilíbrio são realmente notáveis.

Com este papagaio de casinhas ou células podem sustentar-se com grande êxito os concursos que tanto em voga estão nos Estados-Unidos, onde constituem para pequenos e grandes um «sport» interessante.

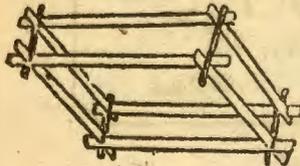


1.ª

Mandem fazer ao carpinteiro umas reguassitas de madeira de casquinha sem nós, de sete milímetros de espessura e de quinze de largura. Oito destas régua devem ter um metro e 24 centímetros de comprimento; quatro, um metro e 74 centímetros, e outras quatro, pequenas, 28 centímetros.

Para juntar estas régua da forma que vamos indicar, não se devem empregar pregos nem parafusos, mas sim atarem-se com linha de sapateiro.

Pegaremos em duas régua de 1^m,74 e no centro de cada uma de-



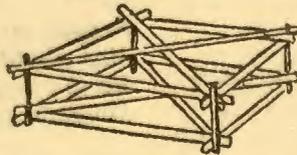
2.ª

las faremos um corte um pouco em vizez da metade da sua largura, tal como se vê na fig. 1.ª, e junta-las-hemos em forma de aspa ou cruz de Santo André.

Praticaremos a mesma operação com as outras duas régua de 1^m,74 que nos restam.

Em seguida pegaremos em quatro régua de 1^m,24 e, fazendo cortes rectos, a dois centímetros das suas extremidades, uni-las-hemos, formando um quadrado.

Com as outras quatro do mesmo comprimento faremos outro quadrado igual.

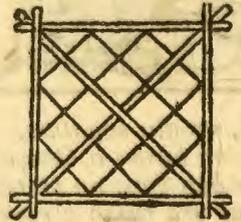


3.ª

Ambos os quadrados se unirão pelos seus cantos, por duas reguassinhas de 28, deixando um intervalo entre os quadrados de 24 centímetros, de modo que tanto por cima como por baixo sobresaiam dois centímetros das reguassitas.

Todas as ligações se fazem, como dissemos, por meio de fio encerado.

Sobre esta armação, que se vê na figura 2.ª, fixam-se de igual modo as duas aspas que formamos primeiramente como indica a figura 3.ª.



4.ª

Paralelamente às barras transversais estendem-se fios fortes (fig. 4.ª), tanto no quadrado superior como no inferior, e já não falta senão forrar esta armação para obter as casinhas ou células.

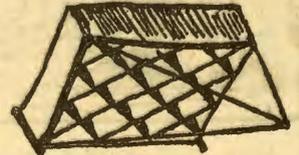
Isto pôde fazer-se com papel, mas fica muito mais solido, para o papagaio se não romper ao cair se tropeçar em qualquer cousa, forrá-las com tela, e cosida em vez

de p.egada. Assim, fica o papagaio da forma indicada na figura 5.ª com as quatro guias aos cantos que veem unir-se à corda.

Para garantir ainda mais a solidez deste aparelho voador deve também dissolver-se um pouco de amido em benzina e dar uma capa deste liquido a todas as células.

Para que o cheiro forte da benzina desapareça completamente, é muito conveniente ter o papagaio uns dias ao ar.

A figura 6.ª mostra a maneira de fazer subir esta espécie de papagaios.



5.ª

ADIVINHAS

1

Qual a coisa, mais ou menos,
Tamanho de um passarinho,
Que de pertinho faz longe
E de longe faz pertinho?!

2

Vinte e quatro senhoritas...
Nada dizem separadas,
Mas contam coisas bonitas,
Se acaso estão de mãos dadas?!

Decifração das anteriores

- 1 — Comboio.
2 — Moço.

ANEDOTAS INFANTIS

1

Duas pequenitas de sete a oito anos estão brincando e conversando no jardim da Estrela:

— E o teu papá, o que faz? — perguntou uma delas.

— Tudo o que a mamã quer.

2

D. Carolina (conversando com o professor de canto de sua filha):

— Então, minha filha vai fazendo alguns progressos? Parece-lhe que ela poderá vir a ser uma boa cantora?

O professor: — A isso é difícil responder, minha senhora.

D. Carolina: — Mas, seguramente, não lhe faltam, para isso, os princípios predicados.

O professor: — Não, minha senhora. Não lhe falta, até, o maior de todos eles. Tem bôca.

3

Chico: — Porque está o papá a cantar, mamã?

A mãe: — Está a adormecer o teu irmão pequenino.

Chico: — Pois olhe, mamã, eu se fosse o meu irmãozinho fingia que já estava a dormir.

4

O Tomas: — E como é que a menina chama ao seu gato?

A Luisinha: — Eu, dantes, chamava-lhe Narciso; mas, agora chamo-lhe Narcisa porque quero que tenha gatinhos.

CONCURSOS DO Pim - Pam - Pum!

ATENÇÃO

O Pim-Pam-Pum! tem o prazer de participar aos seus pequeninos e grandes leitores que desta data em diante até ao próximo dia 1 de Março do corrente ano, se encontram abertas

Três grandes concursos
segundo a seguinte ordem

- 1.º concurso: — Uma poesia infantil
2.º > Um conto infantil
3.º > Um desenho infantil

Cada concurso destes será classificado por séries A, B e C, relativamente à idade dos concorrentes e por consequência

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série A que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 14 anos até 18 enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série B que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a indicação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série C sobre que ficam designados.



Com o fim de tornar o Pim-Pam-Pum cada vez mais interessante, encarregaram-me os Ex.ºs Srs. Directores do nosso jornalinho, de lhes perguntar o seguinte:

Que espécie de histórias e o que queriam que o Pim-Pam-Pum trouxesse!
Versos, Aventuras do Pim-Pam-Pum, contos de fadas, dos ratinhos, engenhocas fáceis de fazer, construções, aventuras de «cow-boys» etc., etc. etc.?!

Aqui muito em segredo desde já os previno que se vá passar um caso muito sensacional...

Fica esperando muitas respostas o vosso

TIOTONIO

Cada produção deverá ser enviada à redacção do Pim-Pam-Pum, rua do Seculo, 43 — acompanhada de um envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e série A, B ou C conforme o disposto nas condições mencionadas e contendo interiormente o nome, morada e idade dos concorrentes.

A classificação dos trabalhos enviados será feita por um júri competente, constituído por 5 individualidades das mais consagradas cujos nomes publicaremos nas vésperas do encerramento dos

Três grandes concursos

— do —

PIM-PAM-PUM!

PREMIOS NO VALOR TOTAL
DE 600\$00 ESCUDOS

LISTA DOS PRÉMIOS

- Ao 1.º classificado no 1.º concurso — Série A: —
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » 1.º concurso — Série B:
Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados
no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 1.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » 2.º » — Série A:
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » 2.º concurso — Série B:
Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados
no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 2.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » 3.º » — Série A:
Brinquedos no valor de 50\$00.
» 1.º » 3.º concurso — Série B:
Livros de poesia, musica e prosa, ricamente
ilustrados no valor de 50\$00.
» 1.º classificado no 3.º concurso — Série C:
100\$00 em dinheiro.

ATENÇÃO

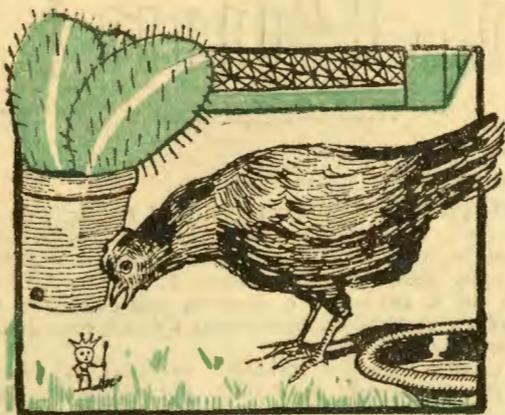
O PIM-PAM-PUM! publicará sucessivamente no lugar de honra todas as produções que obtiverem os 1.ºs prêmios acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas as restantes produções que o PIM-PAM-PUM! entenda merecerem publicidade.

UMA LIÇÃO
DE
DESENHO



COMO SE FAZ PAM

Passados alguns dias, o Milho-Rei tendo caído do bolso do camponez, ao pé de uma capoeira, vendo-se tão sòzinho, pensava muito triste que



seria feito dos seus companheiros de quem tinha tantas saudades. Passava, por acaso, ali, nesse momento, uma linda galinha que, andando a depenicar na terra, em procura de alimento, deparou com o Milho-Rei muito vermelho de chorar e sempre triste por se ver tão longe do seu reino. Então, a galinha pôz-se a cacarejar: ó-có-có... ó-có-có... — que queria dizer na sua: — oh! que faz aqui só?!... e zás... meteu-o no papo espanejando-se, toda presumida por levar o rei na barriga.

Mas qual não foi o espanto do Milho-Rei ao encontrar no papo da galinha três milhosinhos que eram, nada mais nada menos, que três antigos ministros do seu reino. Abraçaram-se muito comovidos e desata-ram a chorar, saú-dósos do bom tempo em que viviam, à luz doirada do sol, no seu doirado pa-lácio. Aquela prisão sem janelas; em que se encontravam agô-ra, pensavam entre si, seria a morte déles.



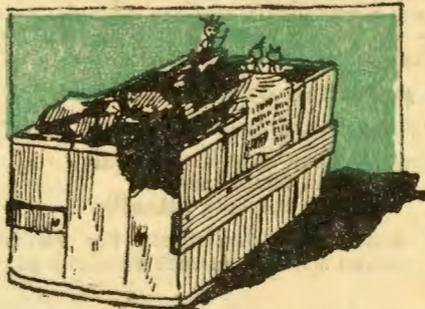
Ora tendo adoeci-do a dona da gali-nha, onde estavam presos o Milho-Rei e três dos seus mi-nistros, foi resolvido que a cozinheira fos-se matar a galinha. Dito e feito. Intriga-dos, sentiam agora o Milho-Rei e os seus três ministros, como que um tremor

de terra e ouviam os gritos aflitivos da galinha que toda estrebuchava nas mãos da cozinheira. — «Que haverá lá por fóra?!...» — pensavam, cheios de susto, os quatro milhosinhos. Vai... senão quando, um grande facalhão cortava o pes-coço à galinha, abrindo-lhe o papo ao meio. En-tão, com grande alegria, o Milho-Rei e os seus três ministros viram-se, à luz do sol, nas mãos da cozinheira e, um momento depois, num cai-xotinho que havia à porta da cozinha.

— «Liberdade, liberdade!» gritaram ao mesmo

tempo os mi-lhosinhos sal-tando aos pu-los de alegria.

No dia se-guinte o cai-xotinho, onde haviam caído os quatro mi-lhos foi despe-jado numa estrumeirasi-nha que esta-



va perto da casa onde se matara a galinha. E nessa mesma tarde e no mesmo carro de bois em que haviam ido à grande reunião, viram-se, com enorme contentamento, a caminho do torrãozinho natal, isto é, da linda terra onde haviam nas-cido.

Mas aí... todo o antigo reino havia sido arrasado. Dir-se-ia que um terremoto havia deitado abaixo todas as maça-rocas, os lindos palácios de oiro, cheinhos de habitantes que o lindo sol de outros tempos aquecia quando à janela se entreolhavam orgulhosos de haverem nascido em tão lindo país.

Resolveram, então, o Milho-Rei e os seus três ministros reconstruir o antigo Reino.

Abrigaram-se cada um em sua covinha, deitaram-se a descansar e, adormecendo, sonharam lindos sonhos. En-tão, por um milagre da Natu-reza, os sonhos tornaram-se realidade. E um ano ainda não era passado, já um Rei-no novo se erguia, on-de o Milho-Rei e os seus ministros tiveram mui-tos filhos e foram muito fel-izes.

FIM

